

TRANSLINGUANDO A SURDOCEGUEIRA* TRANSLANGUAGING THE DEAFBLINDNESS

Veruska Azeredo Valadão Monteiro¹

Jéssica Corrêa Augusto²

Pedro Henrique Witches³

RESUMO: A experiência linguístico-sensorial da surdocegueira tem sido descrita como uma deficiência caracterizada por um duplo impedimento sensorial. Neste artigo, objetiva-se discutir sobre as potencialidades linguísticas da experiência da surdocegueira. Para tanto, baseia-se na perspectiva da linguística aplicada indisciplinar e dos estudos da deficiência para explorar elementos identificados em uma pesquisa bibliográfica que selecionou produções acadêmicas e científicas nacionais sobre formas de comunicação utilizadas por pessoas com surdocegueira. Considerando a conjuntura de sistemas linguísticos que permeiam a existência de pessoas surdocegas, bem como a correlação necessária entre alguns deles para o estabelecimento da compreensão e da expressão, argumenta-se que a surdocegueira constitui uma experiência de translanguagem na medida em que suas possibilidades linguístico-sensoriais oferecem amplas condições de exercício da linguagem em suas mais variadas formas.

PALAVRAS-CHAVE: Surdocegueira. Deficiência. Translanguagem.

ABSTRACT: The linguistic-sensory experience of deafblindness has been described as a disability represented by a double sensory impairment. This article aims to discuss the language potential of the experience of deafblindness. To this end, based on the perspective of interdisciplinary applied linguistics and disability studies, it explores elements identified in a bibliographical research that selected national academic and scientific productions on forms of communication used by people with deafblindness. Considering the situation of linguistic systems that permeate the existence of deafblind people, as well as the necessary correlation between some of them to establish understanding and expression, it is argued that deafblindness constitutes a translanguing experience insofar as its linguistic-sensory possibilities offer broad conditions for the exercise of language in its most varied forms.

KEYWORDS: Deafblindness. Disability. Translanguaging.

* Este artigo apresenta dados de pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes) no período compreendido entre 2022 e 2023.

¹ Bacharela em Letras-Libras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E-mail: veruskamont@gmail.com

² Bacharela em Letras-Libras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E-mail: jcorreaaugusto19@gmail.com

³ Doutor em Educação. Professor do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Ufes. Bolsista BPC-PQ da Fapes. E-mail: pedro.witches@ufes.br

Introdução

Era uma linguagem de línguas inventadas. Todos falavam o seu próprio dialeto porque todos falavam com um instrumento diferente: um corpo e um conjunto de experiências de vida diferentes. (Varley, 1978, p. 307)⁴.

No conto *The Persistence of Vision*, John Varley (1978) narra a história de um mochileiro que encontra uma comunidade onde todos os adultos são surdocegos. Em sua passagem pela comunidade imaginada chamada Keller — tal como o sobrenome da ilustre surdocega estadunidense Helen Keller —, o personagem descobre, aos poucos, níveis cada vez mais sofisticados da comunicação desempenhada pelos habitantes que foram acometidos por uma epidemia de rubéola. Embora o conto apresente algumas marcas literárias estereotipadas sobre deficiência, Davis (1995) argumenta que ele possibilita reflexões sobre como a nossa construção de *mundo normal* está baseada em uma repressão radical da deficiência. O conto de Varley (1978) encontra o nosso interesse em, aqui, destacar o potencial linguístico de pessoas com surdocegueira, o qual consideramos pouco explorado, sobretudo, pela linguística aplicada.

Historicamente, a deficiência tem sido representada a partir de interpretações limitadas e reducionistas, associada a uma forma de vida trágica que gera comoção ou inspiração. Ao se considerar deficiências sensoriais como a cegueira ou a surdez, o imaginário social produz inúmeras representações pautadas em fatores como sofrimento e incapacidade. Neste artigo, o nosso objetivo é discutir sobre as potencialidades linguísticas da experiência da surdocegueira. Por se tratar de uma deficiência caracterizada por um duplo impedimento sensorial, a surdocegueira se destaca como uma experiência cujas possibilidades para a linguagem se cruzam com um certo desconhecimento sobre pessoas surdocegas e suas potencialidades linguísticas. É importante registrar que a noção de *experiência*, neste artigo, está baseada na concepção de uma forma histórica de subjetivação a partir da qual os sujeitos são produzidos na correlação (i) de saberes sobre sua forma de vida, (ii) da normatividade de seus comportamentos e (iii) seus modos de ser (Foucault, 2010; Witches; Lopes, 2015).

Para realizar esse empreendimento, com base em compreensões oferecidas pela linguística aplicada indisciplinar (Moita Lopes, 1998; 2006) em articulação com os estudos da deficiência⁵ (Davis, 1995; Diniz, 2007; McDonnell, 2016), exploramos elementos da

⁴ “It was a language of inventing languages. Everyone spoke their own dialect because everyone spoke with a different instrument: a different body and set of life experiences” (Varley, 1978, p. 307, tradução nossa).

⁵ *Disability Studies* também tem sido traduzido como “estudos sobre deficiência”. Neste artigo, optamos por “estudos da deficiência”.

linguagem encontrados em uma revisão da literatura nacional sobre formas de comunicação utilizadas por pessoas com surdocegueira. O artigo está organizado como segue: após esta breve introdução, destacamos compreensões sobre deficiência, surdocegueira e translinguagem; em seguida, caracterizamos a pesquisa realizada e discutimos como a experiência da surdocegueira comporta potencialidades diversas na linguagem; por fim, argumentamos que a surdocegueira constitui uma experiência linguístico-sensorial com condições amplas para o exercício da linguagem em suas mais variadas formas.

Deficiência, surdocegueira e translinguagem

Uma das bases fundamentais da discussão que intencionamos desenvolver neste artigo está na contribuição do campo dos estudos da deficiência na transformação da concepção de deficiência. Academicamente consolidado como um “campo disciplinar de pesquisas sociológicas e políticas sobre a deficiência” (Diniz, 2007, p. 31) emergentes no Reino Unido durante a década de 1970, os estudos da deficiência possibilitaram a promoção de um modelo social de deficiência. Dois aspectos são fundamentais para a sua compreensão: (i) o primeiro envolve o estabelecimento da distinção entre as noções de lesão ou impedimento e a noção de deficiência, na qual as duas primeiras noções traduziriam uma característica corporal isenta de valor; (ii) o segundo aspecto, por sua vez, abarca a proposta de entender a deficiência como resultado da interação de um corpo com lesão ou impedimento em um ambiente que ignora as características desse corpo, impondo limites ou barreiras a ele. Por ambiente, podemos compreender “estruturas arquitetônicas, práticas econômicas, políticas sociais, procedimentos ocupacionais, serviços de saúde, processos legais, sistemas e assim por diante” (McDonnell, 2016, p. 783).

Essa compreensão inovadora sobre a deficiência se torna fundamental para que possamos assumir, neste artigo, que a experiência da surdocegueira compreende uma deficiência na medida em que a relação entre surdocegos e as estruturas sociais resultam em práticas discriminatórias, excludentes e, principalmente, limitadoras a esses corpos. Diante disso, para esta discussão, também propomos uma aproximação ao campo dos estudos surdos para estender a compreensão da surdez — ou melhor, de uma forma de *ser surdo* (ou *deafhood*) (Ladd, 2003) — como diferença linguística ao caso da experiência de ser pessoa surdocega com resguardo às devidas distinções entre os dois grupos linguístico-identitários. Isso porque, embora sejam muito diversas nos modos como se manifestam na linguagem, pessoas com surdocegueira tendem a formar comunidades ou pertencer a comunidades surdas.

A pandemia de rubéola que acometeu os Estados Unidos, entre 1964 e 1965, de acordo com Falkoski e Maia (2020), possibilitou uma primeira expansão do conhecimento sobre a surdocegueira. Entretanto, as autoras argumentam que ela é uma deficiência ainda pouco explorada em estudos médicos e até mesmo educacionais. Assim como Falkoski e Maia (2020), outros autores comprometidos com a temática da surdocegueira — como Lupetina (2020), Watanabe (2017), Almeida (2015), Cader-Nascimento e Costa (2010), Almeida (2008), entre outros — têm proposto compreendê-la não como a soma de duas deficiências sensoriais, mas como uma deficiência única com características próprias.

Dada a variedade de formas como alguém se constitui surdocego, é complexo estabelecer um padrão linguístico-identitário para essa forma de vida. Visto que uma pessoa com surdocegueira não é somente aquela que apresenta o total impedimento sensorial da audição e da visão, pessoas que têm resíduos auditivos associados à cegueira ou resíduos visuais associados à surdez também estão inclusas nessa definição, o que torna ainda mais amplo e complexo o leque de possibilidades no âmbito da linguagem. Considerando a diversidade nos modos como um indivíduo se constitui surdocego, alguns autores se baseiam na distinção entre (i) a *surdocegueira congênita* — caracterizada como a surdocegueira desenvolvida durante a concepção, presente já no nascimento, ou ainda adquirida antes do início do desenvolvimento linguístico — e (ii) a *surdocegueira adquirida* — descrita como a surdocegueira que ocorre depois do início do desenvolvimento linguístico. Há ainda autores como Vervloed e Damen (2016), que apontam para um terceiro grupo: o da (iii) *surdocegueira em idosos (elderly deafblindness)*, adquirida após os 55 anos de idade e considerada o tipo mais comum de surdocegueira.

Neste artigo, não nos detemos em classificações etiológicas da surdocegueira ainda que entendamos que o conhecimento sobre as causas e seus efeitos nas capacidades e funcionalidades de um indivíduo com surdocegueira seja importante para conceber formas de interagir e conceber procedimentos para o desenvolvimento de sua aprendizagem. Aqui, entretanto, estamos interessados em oferecer reflexões mais *indisciplinadas* sobre a multiplicidade de modos como pessoas com surdocegueira se apropriam e desenvolvem a linguagem. É verdade que o problema da aquisição da linguagem e do desenvolvimento linguístico de crianças com surdocegueira tem sido alvo de estudos e investigações oriundas da psicologia do desenvolvimento, da educação especial e da linguística (cf. Almeida, 2008). Portanto, um tipo de classificação encontrado na literatura nos interessa em particular: é a que

distingue pessoas com *surdocegueira pré-linguística* de pessoas com *surdocegueira pós-linguística*, a qual usa o início da aquisição da linguagem como marco primordial de distinção.

Nosso interesse nessa classificação ocorre porque as condições nas quais alguém é reconhecido ou passa a se reconhecer como pessoa com surdocegueira pode influenciar no aparato linguístico-comunicacional que será dominante em sua vida. Antes de avançarmos a discussão desse tópico na seção seguinte, vale explicitar que nos filiamos às compreensões possibilitadas pela perspectiva crítica que Moita Lopes (1998) denominou *linguística aplicada indisciplinar*. Assumimos a postura indisciplinar para fazer linguística aplicada considerando as (im)possibilidades de aproximar a discussão sobre linguagem aos campos que tradicionalmente se ocupam com a produção do conhecimento sobre formas de vida surdocegas, a educação especial e a psicologia do desenvolvimento. Como indisciplinados que trilham no caminho de uma perspectiva crítica em linguística aplicada, faremos um uso cético de teorias sobre a linguagem, conforme menciona Pennycook (2023), para oferecer inteligibilidade sobre o que consideramos ser um problema social no qual a linguagem tem um papel central.

Considerando isso, é fundamental estabelecer que, nesta discussão, a noção de linguagem que colocamos em operação escapa de uma definição em voga, em que ela é descrita como “a capacidade específica à espécie humana de comunicar por meio de um sistema de signos vocais (ou língua)” (Dubois *et al.*, 2014, p. 360). Isso significa que pensamos processos linguísticos de expressão e comunicação nem sempre materializados em línguas que se manifestam em modalidades convencionais como a vocal ou a gestual, mas também códigos, sistemas e outros métodos alternativos pelos quais uma pessoa com surdocegueira apreende o mundo. Na esteira dessa compreensão, assumimos a perspectiva da translinguagem. Para García e Wei (2014, p. 21):

[...] a translinguagem não se refere a duas línguas separadas, nem a uma síntese de diferentes práticas linguísticas ou a uma mistura híbrida. Em vez disso, a translinguagem se refere a novas práticas de linguagem que tornam visível a complexidade das trocas linguísticas entre pessoas com histórias diferentes e liberta histórias e compreensões que tinham sido enterradas em identidades linguísticas fixas restringidas pelos Estados-nação.⁶

Tendo em vista o contexto educacional de surdos, Swanwick (2017) argumenta que a perspectiva da translinguagem possibilita a captação e a análise de modos pelos quais sistemas

⁶ “translanguaging does not refer to two separate languages nor to a synthesis of different language practices or to a hybrid mixture. Rather translanguaging refers to new language practices that make visible the complexity of language exchanges among people with different histories, and releases histories and understandings that had been buried within fixed language identities constrained by nation-states” (García; Wei, 2024, p. 21, tradução nossa).

e modalidades sinalizados, falados ou escritos são colocados em ação em diferentes contextos sociais e de aprendizagem. Assumindo a perspectiva da translinguagem, Rocha e colaboradores (2023) propõem que as possibilidades linguísticas de pessoas com surdocegueira podem ser estimuladas por uma abordagem que transcenda limites linguísticos. Com base nessa compreensão, mas não restrita a ela, na seção a seguir, exploramos resultados de uma pesquisa bibliográfica que permitiu discutirmos sobre as potencialidades linguísticas da experiência da surdocegueira.

Potencialidades (trans)linguísticas de pessoas com surdocegueira

[...] a Fernanda [Falkoski] me convidou para ir a São Paulo conhecer o Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e Múltiplo Deficiente Sensorial, do qual participam muitas pessoas com surdocegueira. Lá, eu conheci a Profa. Dra. Shirley Maia, participei de uma oficina de biscoitos e de uma oficina de papel. Aprendi a escrita na palma da mão com a surdocega Camila Indalécio Pereira e o Tadoma com a surdocega Claudia Sofia Indalécio, que foram sensacionais. Então comecei a treinar com a Fernanda as escritas na mão, Tadoma e Libras tátil [...]. (Pilla, 2021, p. 49).

Na narrativa que abre esta seção, temos um relato autobiográfico apresentado pela surdocega Giovana Pilla (2021), no qual descreve o momento de encontro com pessoas com surdocegueira que a ensinaram outras formas de comunicação além das que conhecia. Diagnosticada com surdez aos quatro anos de idade, ela nasceu com síndrome de Usher, o que também a condicionou a ter retinose pigmentar (ou retinite pigmentosa) na vida adulta. Em seu relato, Pilla (2021) compartilha que frequentou parte do ensino fundamental em uma escola de surdos. Na descrição que faz de si mesma, Pilla fornece pistas de quando exatamente passou a se entender como surdocega: “uso dois aparelhos auditivos e uso a bengala branca e vermelha há setes anos” (2021, p. 45). As cores branca e vermelha, em uma bengala que serve de guia para alguém com deficiência visual, marca sua identificação como pessoa com surdocegueira.

Dito isso, é possível observar que Giovana Pilla se relaciona com a linguagem de distintas formas: (i) a menção aos aparelhos auditivos indica que ela faz uso de tecnologias assistivas para acessar à língua portuguesa na modalidade auditiva; (ii) a menção à escola de surdos revela que ela provavelmente aprendeu Libras ainda na infância; (iii) a menção à aprendizagem mais recente da escrita na palma da mão e da Libras tátil possibilita compreender que ela tem incorporado a modalidade tátil do português e da língua de sinais para estabelecer comunicação; e (iv) a menção à aprendizagem do Tadoma viabiliza estabelecer que ela também tem buscado compreender o português vocalizado através de leitura tátil dos movimentos


articulatórios produzidos pela boca e de vibrações das pregas vocais de um interlocutor. Podemos nos perguntar o que a motiva ampliar suas possibilidades de comunicação. Com base em relatos obtidos em 2008, Watanabe (2017) destaca que o isolamento e a exclusão de meios sociais vivenciado por pessoas com surdocegueira está relacionado com dificuldades no estabelecimento de comunicação. A autora afirma que, para “continuar se comunicando, a pessoa com surdocegueira adquirida precisará utilizar uma ou mais formas de comunicação, conforme suas possibilidades e necessidades” (Watanabe, 2017, p. 119).

Considerando essas distintas possibilidades na linguagem e a motivação para desenvolvê-las, realizamos uma pesquisa bibliográfica na intenção de produzir um levantamento nacional de produções acadêmicas e científicas sobre as formas de comunicação adotadas por pessoas com surdocegueira. Para isso, três plataformas digitais acessíveis pela internet foram utilizadas na realização das buscas dessas produções inicialmente: o Google Acadêmico, a *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* e o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Posteriormente, também foram acessadas produções hospedadas em repositórios institucionais de diferentes programas de pós-graduação. As buscas foram feitas com a utilização dos seguintes descritores: “surdocegueira”, “pessoa com surdocegueira”, “pessoas com surdocegueira”, “surdocego” e “surdocegos”. Isso permitiu encontrar e selecionar produções nos seguintes formatos: artigos publicados em periódicos científicos, trabalhos publicados em anais de eventos, livros e capítulos de livros, trabalhos acadêmicos (monografias, dissertações e teses).

Com base nesse levantamento amplo e diverso, foi possível fazer leituras preliminares da produção encontrada na intenção de identificar a menção e a descrição de formas de comunicação de pessoas com surdocegueira. As leituras preliminares permitiram estabelecer um filtro a partir do qual apenas oito produções foram selecionadas em razão de mencionarem e descreverem formas de comunicação de pessoas com surdocegueira. Cinco dessas produções compreendem trabalhos acadêmicos correspondentes ao período estabelecido entre os anos de 2004 e 2017, sendo uma monografia de graduação, três dissertações de mestrado e uma tese de doutorado. As outras três produções são livros publicados entre os anos de 2019 e 2020. Essas produções podem ser identificadas como oriundas das seguintes áreas: educação especial; estudos da tradução e da interpretação; e psicologia do desenvolvimento. Na Figura 1, que é seguida por uma descrição da imagem, apresentamos dois quadros que listam essas oito produções.

Figura 1 – Produção selecionada

PRODUÇÃO SELECIONADA
QUE MENCIONA E DESCREVE FORMAS DE COMUNICAÇÃO
DE PESSOAS COM SURDOCEGUEIRA


5 TRABALHOS ACADÊMICOS


MAIA, S. R. **A educação do surdocego – Diretrizes básicas para pessoas não especializadas**. 2004. 95 f. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2004.

ALMEIDA, W. G. **O guia-intérprete e a inclusão da pessoa com surdocegueira**. 2015. 188 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

FALKOSKI, F. C. **Análise do processo de comunicação de pessoas com surdocegueira congênita a partir da produção e do uso de recursos de comunicação alternativa**. 2017. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SANTOS, M. A. S. **A experiência da tradução/interpretação para uma surdocega pós-linguística: a linguagem tátil como forma de (re)criação dos sentidos**. 2017. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Libras) – Curso de Letras-Libras - Bacharelado em Tradução e Interpretação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

WATANABE, D. R. **O estado da arte da produção científica na área da surdocegueira no Brasil de 1999 a 2015**. 262 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.


3 LIVROS

CANUTO, B. S.; SANTANA JÚNIOR, C. A.; ARAÚJO, H. F.; LOURENÇO, K. R. C. **Práticas de interpretação tátil e comunicação háptica para pessoas com surdocegueira**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2019.

LUPETINA, R. **Histórias de vida de indivíduos com surdocegueira adquirida**. Curitiba: Appris, 2020.

VILELA, E. G. **Educação de surdocegos: perspectivas e memórias**. Curitiba: Appris, 2020.

Fonte: elaborada pelos autores (2024).

Descrição da imagem: cabeçalho com o texto “Produção selecionada que menciona e descreve formas de comunicação de pessoas com surdocegueira” em caixa alta, fonte sem serifa na cor azul-marinho. Abaixo, duas colunas: a primeira, de tamanho maior, nas cores azul-marinho e azul claro, com uma pequena imagem icônica de capelo de formatura no topo, lista a referência de cinco trabalhos acadêmicos em texto sem serifa: Maia (2004), Almeida (2015), Falkoski (2017), Santos (2017) e Watanabe (2017); a segunda, em tamanho menor, em dois tons de verde, com uma pequena imagem icônica de livro aberto no topo, lista a referência de três livros em texto sem serifa: Canuto *et al.* (2019); Lupetina (2020) e Vilela (2020). Essas produções também estão indicadas nas referências deste artigo.

Com base na produção selecionada, empreendemos uma busca refinada pelas formas de comunicação de pessoas com surdocegueira mencionadas e descritas pelos autores. Esse mapeamento permitiu a identificação de, pelo menos, 50 ocorrências de formas de comunicação utilizadas por ou com pessoas com surdocegueira. A partir das descrições sobre cada uma delas, entretanto, observamos que algumas dessas formas de comunicação são identificadas por

nomes diferentes em algumas produções, de modo que foi necessário estabelecer um procedimento de desambiguação na listagem das 50 formas de comunicação mencionadas. Essa lista com 50 ocorrências pode ser observada, em ordem alfabética, no Quadro 1 conforme registradas pelos autores:

Quadro 1 - Formas de comunicação utilizadas por ou com pessoas com surdocegueira

Nº	Formas de comunicação	Nº	Formas de comunicação
1	Alfabeto datilológico tátil	26	Língua de sinais em campo visual
2	Alfabeto datilológico	27	Língua de sinais tátil
3	Alfabeto manual tátil	28	Língua oral ampliada
4	Alfabeto MOON	29	Língua oral ou fala ampliada
5	Alfabeto tátil	30	Materiais técnicos com retransmissão em Braille/Display Braille
6	Braille tátil ou manual	31	Método Tadoma
7	Comunicação háptica	32	Objeto de Referência/Pistas
8	Comunicação social háptica	33	Placas de comunicação ou Tablitas
9	Desenhos	34	Prancha de Comunicação
10	Escrita ampliada	35	Pranchas alfabéticas
11	Escrita ampliada em tinta	36	Pranchas alfabéticas com letra em relevo
12	Escrita em tinta	37	Pranchas alfabéticas em Braille
13	Escrita em letras maiúsculas	38	Sinais táteis
14	Escrita na palma da mão	39	Sinais em campo reduzido
15	Expressões faciais	40	Sistema Braille tátil ou manual
16	Fala ampliada	41	Sistema Braille
17	Fala ampliada ou Loops	42	Sistema datilológico visual tátil
18	<i>Finger Braille</i> e Braille manual	43	Sistema Lorm
19	<i>Finger Braille</i> ou Braille tátil	44	Sistema Malossi
20	Imagens	45	Sistema Pró-Tátil
21	Leitura labial	46	Tablitas alfabéticas
22	Língua de sinais	47	Tadoma
23	Língua de sinais à curta distância	48	Tarjeta
24	Língua de sinais em campo reduzido	49	Tecnologia Assistiva
25	Língua de sinais em campo visual reduzido	50	Uso do dedo como lápis

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Observamos, a partir da listagem apresentada no Quadro 1, que o conhecimento sobre as formas de comunicação de pessoas com surdocegueira está disperso na literatura acadêmico-científica ou, muitas vezes, reunido e apresentado em listas que nem sempre possuem uma organização lógica, uma distinção ou um agrupamento sistematizado. Uma das exceções desse padrão é a dissertação de Watanabe (2017), que apresenta algumas classificações das formas de comunicação utilizadas por pessoas com surdocegueira. Ao produzir uma revisão sistemática da produção científica sobre surdocegueira entre 1999 e 2015, a autora reuniu diferentes quadros que contêm classificações distintas dessas formas de comunicação.

É possível observar que essas formas de comunicação identificadas na literatura não estão restritas a uma determinada língua ou outra. Algumas delas são recursos, estratégias ou

meios pelos quais uma pessoa com surdocegueira acessa uma língua ou um sistema linguístico não-verbal. Sobre essa questão, Almeida (2015, p. 149) estabelece que os sistemas de comunicação utilizados por uma pessoa com surdocegueira estão diretamente relacionados “com a forma de comunicação que desenvolveu durante sua vida e suas experiências de linguagem”. Isso implica compreender que as potencialidades linguísticas de uma pessoa com surdocegueira estão relacionadas com os modos como ela vivencia sua experiência linguístico-identitária. Considerando os sistemas que oportunizam uma comunicação simbólica formal, conforme a classificação de Rowland e Campbell (1995 *apud* Watanabe, 2017), pessoas com surdocegueira pós-linguística podem ter desenvolvido uma relação significativa com uma língua vocal ou de sinais antes de se vivenciarem a surdocegueira. Essas pessoas podem continuar se expressando diretamente por meio dessa língua, mas tenderão a depender de uma ou mais adaptações para compreendê-la.

Diante disso, uma pessoa com surdocegueira que tem uma língua vocal-auditiva como primeira língua poderá continuar se expressando vocalmente por ela, mas utilizará formas adaptadas para acessar e compreender essa língua tais como: a fala ampliada, que é um método no qual alguém — como um guia-intérprete por exemplo — repetirá o que está sendo dito em tom mais alto e próximo ao ouvido da pessoa com surdocegueira ou repetirá o texto em uma microfone conectado a fones utilizados pela pessoa com surdocegueira; ou então o Tadoma, método já mencionado que envolve o sentido do tato para leitura de expressões oro-faciais. Nas formas escritas da língua, essa pessoa ainda poderia recorrer a textos impressos e digitais com fonte ampliada ou, ainda, a textos transcritos para o sistema Braille. No caso de uma pessoa com surdocegueira que tem uma língua de sinais como primeira língua, suas formas de receber informações nessa língua podem envolver a expressão dessa língua por um interlocutor posicionado em um espaço reduzido, mais próximo do alcance de visão da pessoa com surdocegueira; ou então a expressão dessa língua por um interlocutor que a utilize na modalidade gestual-tátil, de modo que a pessoa com surdocegueira compreende a sinalização por intermédio do sentido do tato. Em ambos os casos, também é possível que essa pessoa com surdocegueira recorra à soletração como uma forma complementar de comunicação, por meio do alfabeto manual tátil, do Braille manual ou da escrita na palma da mão ou em outra parte sensível do corpo como testa, costas ou lateral dos braços.

A comunicação háptica ou a comunicação social háptica também têm se destacado como uma estratégia complementar às principais formas de comunicação de pessoas com surdocegueira. Essa estratégia possibilita que pessoas com surdocegueira, de acordo com

Lupetina (2020, p. 85), “ao mesmo tempo, recebam a mensagem principal pela forma de comunicação usualmente utilizada (Libras tátil, Tadoma, Braille tátil, entre outras) aliada a detalhes do espaço, por exemplo, por meio da háptica”. Considerando essa ampla gama de possibilidades linguísticas identificadas na produção selecionada, na Figura 2, apresentamos uma proposta de classificação-síntese das formas de comunicação receptiva de pessoas com surdocegueira:

Figura 1 – Síntese de formas de comunicação receptiva de pessoas com surdocegueira



Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Descrição da imagem: infográfico em forma de círculo com borda tracejada contendo, em seu centro, o texto “formas de comunicação receptiva de pessoas com surdocegueira”. De seis círculos menores, de cores diferentes contendo imagens icônicas que representam uma classificação de formas de comunicação, saem linhas tracejadas que levam às classificações das formas de comunicação. O círculo azul leva à lista de sistemas baseadas em línguas sinalizadas (língua de sinais tátil e língua de sinais em campo reduzido); o círculo lilás, à lista de sistemas alfabéticos táteis (alfabeto datilológico tátil, alfabeto Lorm, alfabeto Malossi, alfabeto Moon, alfabeto tátil, Braille, Braille manual, escrita na palma da mão, prancha alfabética, uso de dedo como lápis e Morse); o círculo amarelo, à lista de tecnologias assistivas (Display Braille e prancha de comunicação); o círculo rosa, à lista de sistemas baseados em línguas vocalizadas (leitura oro-facial, língua vocal em fala ampliada e Tadoma); o círculo verde, à lista de sistemas alfabéticos visuais (escrita ampliada e prancha alfabética); o círculo vermelho, à lista de linguagens não-verbais visuais ou táteis (comunicação social háptica, desenhos ou imagens, expressões faciais, objetos de referência e sistema pró-tátil).

Nossa intenção em apresentar essa proposta não é restringir, limitar ou reduzir a ampla possibilidade de formas de comunicação receptiva utilizadas por pessoas com surdocegueira. O interesse é tão somente sintetizar o que encontramos, possibilitando um acesso sistematizado de estratégias, métodos ou recursos utilizados por pessoas com surdocegueira ou ainda por familiares, amigos e profissionais que atuam com pessoas com surdocegueira tais como

instrutores-mediadores e guia-intérpretes. A elaboração dessa proposta foi baseada em adaptações de classificações já existentes e referenciadas por algumas das produções que selecionamos para compor a pesquisa.

Nessa proposta, optamos por selecionar apenas as formas de comunicação que permitem a recepção de informações por parte de pessoas com surdocegueira. No entanto, algumas delas também podem vir a ser utilizadas pelas próprias pessoas com surdocegueira para se expressar, sobretudo se precisarem interagir com outra pessoa com surdocegueira ou com pessoa com outra deficiência sensorial. Assim, distinguimos essas formas de comunicação em seis categorias: (i) sistemas baseados em línguas sinalizadas; (ii) sistemas baseados em línguas vocalizadas⁷; (iii) sistemas alfabéticos táteis; (iv) sistemas alfabéticos visuais; (v) tecnologias assistivas; e (vi) linguagens não-verbais visuais ou táteis.

Os *sistemas baseados em línguas sinalizadas* são formados por línguas de sinais, que são línguas naturais comumente manifestadas pela via gestual e compreendidas pelo canal visual. No caso de pessoas com surdocegueira com resquícios visuais, o uso de línguas de sinais pode ser adaptado a um espaço reduzido, próximo ao seu alcance de visão. Entretanto, para pessoas com surdocegueira sem resquícios visuais ou com profundo impedimento visual, as línguas de sinais podem ser adaptadas para a modalidade gestual-tátil, o que as torna línguas de sinais táteis. Nessa modalidade, uma determinada língua de sinais apresenta variações fonológicas e, em algumas vezes, morfológicas para que a sinalização do interlocutor seja executada em contato com as mãos da pessoa com surdocegueira. Ao manter sua mão sobre as mãos do seu interlocutor sinalizante, Farias (2015, p. 31) explica que uma pessoa com surdocegueira “poderá perceber a configuração da mão, o ponto de articulação, o movimento e a orientação da mão no espaço e no tempo”. Sobre as variações linguística dessa modalidade, Canuto e colaboradores (2019, p. 35) argumentam:

Os sinais são os mesmos usados pelas pessoas surdas, porém para pessoas com Surdocegueira são feitas algumas adaptações, como a diminuição do campo de sinalização ou outras estratégias como a Redução Articulatória, por exemplo, para que não se comprometa a agilidade de uma interpretação simultânea.

Em relação aos *sistemas baseados em línguas vocalizadas*, assim como acontece com algumas pessoas surdas, a leitura oro-facial — ou leitura labial como é popularmente conhecida

⁷ Neste artigo, distinguimos línguas de sinais de *línguas vocais* (não de *línguas orais*) por entendermos que as primeiras também se materializam pela oralidade que não está restrita à vocalidade (cf. Schramm Jr., 2014).

— pode ser recorrida por pessoas com surdocegueira que tem resquícios visuais suficientes para observar as articulações das expressões faciais, especialmente bucais, realizadas por um interlocutor falante de uma língua vocal. Entretanto, pessoas surdocegas com resquícios auditivos podem receber informações auditivas por meio da técnica da fala ampliada, já mencionada neste artigo anteriormente, a qual pode ser associada ou não a aparelhos de rádio FM conectados a microfones e fones de ouvido. Além dessas duas formas, o Tadoma constitui um método em que a pessoa com surdocegueira posiciona uma de suas mãos sobre as mandíbulas e o pescoço de um interlocutor falante de uma língua vocal para sentir os movimentos produzidos pelas suas expressões faciais e, ocasionalmente, por suas pregas vocais. Há também uma variação desse método, no qual os dedos da pessoa com surdocegueira encostam os lábios de quem estiver vocalizando para a realização de uma *leitura labial tátil*.

Os *sistemas alfabéticos táteis*, assim como os *sistemas alfabéticos visuais* podem ser utilizados como formas de comunicação complementares e para acessar textos escritos. Entretanto, há registro de casos em que um desses sistemas pode ser adotado como principal forma de comunicação. Assim, identificamos, dentre os sistemas alfabéticos táteis, o uso frequente de alfabetos manuais das línguas de sinais (também conhecidos como alfabetos datilológicos), em suas versões táteis, adaptadas para serem executadas na palma da mão de uma pessoa com surdocegueira, bem como outros sistemas táteis que constituem alfabetos como o Lorm, o Malossi, o Moon ou o código Morse, além do alfabeto convencional em alto relevo. Também é possível recorrer à leitura do Braille em materiais impressos ou do Braille manual, que é executado nas falanges dos dedos da pessoa com surdocegueira. Outras estratégias comuns são a escrita desenhada com o dedo na palma da mão da pessoa com surdocegueira ou o uso do dedo da pessoa com surdocegueira para escrever uma mensagem na palma de outra mão. No caso dos sistemas alfabéticos visuais, para pessoas com surdocegueira com resquícios de visão, a escrita ampliada em textos impressos ou digitais e a prancha alfabética também são possibilidades para acessar informações.

As *linguagens não-verbais visuais ou táteis* também estão incorporadas ao universo de possibilidades linguísticas das pessoas com surdocegueira, visto que a “comunicação não só acontece no âmbito verbal, mas transcende o não verbal, como modalidade discursiva que tem um conteúdo expressivo e compreensivo, apto para ser incluso dentro do fenômeno comunicativo humano” (Almeida, 2015, p. 44). É o caso da comunicação háptica, da comunicação social háptica ou do sistema pró-tátil, que recorre a pistas táteis em determinadas regiões do corpo da pessoa com surdocegueira para comunicar informações não-verbais —

como descrições de expressões faciais, ambientes ou de ocorrências nesse ambiente — que podem complementar o que é dito em língua de sinais tátil. No caso da presença de resquícios visuais, desenhos, imagens e expressões faciais também são utilizados no estabelecimento da comunicação. Há ainda os objetos de referência que oferecem pistas comunicativas de um determinado tópico a ser tratado, muito comum no trabalho de desenvolvimento da linguagem em crianças com surdocegueira.

Por fim, as *tecnologias assistivas* constituem recursos importantes à comunicação de pessoas com surdocegueira. Nesse caso, materiais técnicos de retransmissão em Braille como o *Display Braille* (que também pode ser chamado de linha Braille) e a prancha de comunicação alternativa tendem a ser utilizados como forma de comunicação complementar ou principal em alguns casos específicos. É preciso ressaltar que essas possibilidades na linguagem não se esgotam na classificação-síntese que aqui apresentamos. Com ela, temos uma amostra para discutir sobre as potencialidades linguísticas na experiência da surdocegueira.

Diante desse cenário linguístico posto para as pessoas com surdocegueira, retomamos à noção de translinguagem, entendendo, conforme Scholl (2020), que a sua base está na ideia de abandonar uma concepção de entidade formal da linguagem para assumir a organização múltipla dos processos que possibilitam as interações. Ultrapassando as fronteiras estabelecidas entre o linguístico, o extralinguístico e o paralinguístico na comunicação humana, a translinguagem “possibilita o entendimento de diferentes fenômenos linguísticos que transcendem os limites das línguas nomeadas, bem como dos limites entre linguagem e outros meios de produção de sentidos” (Wei, 2020 *apud* Scholl, 2020, p. 3).

Neste artigo, portanto, argumentamos que a surdocegueira — deficiência que historicamente tem sido associada a uma forma de vida com excesso de limitações para o estabelecimento da comunicação — constitui uma *experiência translingueira*. Sua relação com a translinguagem está no encontro com uma multiplicidade de possibilidades linguístico-sensoriais que oportunizam condições simultâneas ou não de produção de sentidos de diferentes maneiras às pessoas que a vivenciam. Na sequência desta discussão, apresentamos nossas considerações finais.

Considerações finais

Mesmo que nossos olhos não vejam o brilho das estrelas, nossos ouvidos não ouçam a mais doce melodia e nossa voz não cante a mais linda canção, ainda temos outros meios: nossas pernas e braços! Podemos fazer muito [...].
(Pereira, 2021, p. 44)

O processo de comunicação com as pessoas e o mundo por meio do toque me fizeram enxergar muito mais do que dois olhos poderiam mostrar. (Farias, 2021, p. 76)

As palavras que encerram os relatos autobiográficos das surdocegas Camila Pereira (2021) e Janine Farias (2021) evidenciam uma percepção sobre as potencialidades que uma pessoa com surdocegueira encontra em sua vivência na deficiência. De certo modo, essas pessoas experienciam a linguagem por meios que transcendem as formas linguísticas convencionais que imperam e são impostas por uma política fonologocêntrica instaurada nos primórdios da modernidade. Considerando essa conjuntura, torna-se compreensível que as formas de vivenciar a surdocegueira na linguagem, quando pensadas sob o ponto de vista da translanguagem, colocam em xeque compreensões restritas sobre a produção de sentidos.

Neste artigo, intencionamos discutir sobre as potencialidades linguísticas da experiência da surdocegueira. Para isso, aliamos-nos à perspectiva da linguística aplicada indisciplinar em articulação com os estudos da deficiência. Como forma de evidenciar essas potencialidades de forma empírica, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica a partir do levantamento e da seleção de produções acadêmicas e científicas que tratam sobre a surdocegueira, bem como mencionam e descrevem formas de comunicação utilizadas por pessoas que vivenciam essa experiência. A partir da pesquisa, foi possível reunir e apresentar uma proposta de classificação-síntese das formas de comunicação receptiva de pessoas com surdocegueira, a fim de tornar mais explícito o que a discussão aqui realizada nos possibilitou fazer: *translinguar a surdocegueira*.

Com base na discussão que realizamos, a partir das evidências apresentadas por estudos e investigações em torno da educação e do desenvolvimento de pessoas com surdocegueira, assim como também pelos sentidos produzidos por autores que concebem e pensam a translanguagem, propomos o argumento que é central neste artigo: a surdocegueira constitui uma experiência de translanguagem na medida em que suas possibilidades linguístico-sensoriais oferecem amplas condições de exercício da linguagem em suas mais variadas formas. Afirmar isso implica assumir uma postura subversiva em linguística aplicada, mas não apenas isso. Implica também oferecer condições outras de pensar relações (im)possíveis entre a surdocegueira, os estudos da deficiência e a linguística aplicada. Assim, podemos expressar que esperamos que este artigo provoque indagações, *insights* e outras ideias para quem o ler e estiver a procura de pensar de outros modos a linguagem nos casos em que a deficiência está presente.

Referências

- ALMEIDA, Célia Aparecida Faria. *A aquisição da linguagem por uma surdocega pré-linguística numa perspectiva sociocognitivo-interacionista*. 2008. 337 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- ALMEIDA, Wolney Gomes. *O guia-intérprete e a inclusão da pessoa com surdocegueira*. 2015. 188 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.
- CADER-NASCIMENTO, Fatima Ali Abdalah Abdel.; COSTA, Maria da Piedade Resende da. *Descobrendo a surdocegueira: educação e comunicação*. São Carlos, EdUFSCar, 2005.
- CANUTO, Beatriz Santanna; SANTANA JÚNIOR, Carlos Alberto; ARAÚJO, Hélio Fonseca; LOURENÇO, Katia Regina Conrad. *Práticas de interpretação tátil e comunicação háptica para pessoas com surdocegueira*. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2019.
- DAVIS, Lennard J. *Enforcing Normalcy: Disability, Deafness, and the Body*. Londres; Nova York: Verso, 1995.
- DINIZ, Debora. *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Christiane; MARCELLESI, Jean-Baptiste; MEVEL, Jean-Pierre. *Dicionário de linguística*. 2. ed. Trad. Frederico Pessoa de Barros *et al.* São Paulo: Cultrix, 2014.
- FALKOSKI, Fernanda Cristina. *Análise do processo de comunicação de pessoas com surdocegueira congênita a partir da produção e do uso de recursos de comunicação alternativa*. 2017. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- FALKOSKI, Fernanda Cristina; MAIA, Shirley Rodrigues. *Surdocegueira congênita: comunicação com o uso de recursos de comunicação alternativa*. Curitiba: Editora CRV, 2020.
- FARIAS, Sandra Samara Pires. *Os processos de inclusão dos alunos com surdocegueira na educação básica*. 2015. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.
- FARIAS, Janine Pires. Toques que se comunicam com o mundo: uma história vivida por mim e contada por minha outra eu. In: FALKOSKI, Fernanda Cristina; MAIA, Shirley Rodrigues (org.). *Surdocegueira: vencendo desafios e construindo possibilidades*. Novo Hamburgo: Sinopsys Editora, 2021. p. 69–76.
- FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros*. Curso no Collège de France (1982–1983). São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GARCÍA, Ofelia; WEI, Li. *Translanguaging: Language, Bilingualism, and Education*. Londres: Palgrave Macmillan, 2014.

LADD, Paddy. *Understanding Deaf Culture: In Search of Deafhood*. Bristol: Multilingual Matters, 2003.

LUPETINA, Raffaella. *Histórias de vida de indivíduos com surdocegueira adquirida*. Curitiba: Appris, 2020.

McDONNELL, Patrick. Deficiência, surdez e ideologia no final do século XX e início do século XXI. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 777–788, 2016.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. A transdisciplinaridade é possível em linguística aplicada? In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda do Couto (org.). *Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Introdução – Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 13–44.

PENNYCOOK, Alastair. Linguística aplicada indisciplinar como amálgama epistêmico. In: FABRÍCIO, Branca Falabella; BORBA, Rodrigo (org.). *Oficina de linguística aplicada indisciplinar: homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2023. p. 47–78.

PEREIRA, Camila Indalécio. Mãe, mulher e militante. In: FALKOSKI, Fernanda Cristina; MAIA, Shirley Rodrigues (org.). *Surdocegueira: vencendo desafios e construindo possibilidades*. Novo Hamburgo: Sinopsys Editora, 2021. p. 35–44.

PILLA, Giovana. Vida. In: FALKOSKI, Fernanda Cristina; MAIA, Shirley Rodrigues (org.). *Surdocegueira: vencendo desafios e construindo possibilidades*. Novo Hamburgo: Sinopsys Editora, 2021. p. 45–50.

ROCHA, Bárbara Pereira de Alencar da; TAVARES-SANTOS, Valdiceia; SILVA, José Vicente Rodrigues da; SILVA, Kleber Aparecido da. Surdocegueira e pontos de ancoragem no ensino remoto: translinguagem como caminho possível. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, Brasília, v. 22, n. 1, p. 1–17, 2023.

SANTOS, Maria Aparecida Scardua. *A experiência da tradução/interpretação para uma surdocega pós-linguística: a linguagem tátil como forma de (re)criação dos sentidos*. 2017. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Libras) – Curso de Letras-Libras – Bacharelado em Tradução e Interpretação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

SCHOLL, Ana Paula. O conceito de translinguagem e suas implicações para os estudos sobre bilinguismo e multilinguismo. *Revista da Abralin*, v. 19, n. 2, p. 1–5, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v19i2.1641>.

SCHRAMM Jr., Roberto Mário. Gesto, oralidade, escritura e tradução: a emergência das línguas de sinais e o primado fonológico dos estudos linguísticos. *Tradterm*, São Paulo, v. 23, p. 241–270, 2014. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2014.85623>.

SWANWICK, Ruth. *Languages and Linguaging in Deaf Education: A Framework for Pedagogy*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

VARLEY, John. *The Persistence of Vision*. Nova York: Dial Press, 1978.

VERVLOED, Mathijs; DAMEN, Saskia. Language and Communication in People Who are Deafblind. In: MARSHARK, Marc; SPENCER, Patricia Elizabeth (ed.). *The Oxford Handbook of Deaf Studies and Deaf Education: Language and Language Development*. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 325–343.

VILELA, Elaine Gomes. *Educação de surdocegos: perspectivas e memórias*. Curitiba: Appris, 2020.

WATANABE, Dalva Rosa. *O estado da arte da produção científica na área da surdocegueira no Brasil de 1999 a 2015*. 2017. 263 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

WITCHES, Pedro Henrique; LOPES, Maura Corcini. Surdez como matriz de experiência. *Revista Espaço*, Rio de Janeiro, n. 43, p. 32–48, 2015.